

ENSAIOS & FOTORREPORTAGENS DO COTIDIANO NO ISOLAMENTO SOCIAL

ORGANIZAÇÃO
CARLOS ALBERTO DE SOUZA
RAFAEL KONDLATSCH
INGRID PETROSKI



ENSAIOS & FOTORREPORTAGENS DO COTIDIANO NO ISOLAMENTO SOCIAL

ISBN: 978-65-86967-11-1

EDITORA: PROEX - UEPG

ORGANIZADORES

Carlos Alberto de Souza

Rafael Kondlatsch

Ingrid Petroski

PREFÁCIO

Andressa Kaliberda

REVISÃO

Profº Me. Paulo Rogério de Almeida

Profº Carlos Alberto de Souza

Amanda Dombrowski

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

Ingrid Petroski

FOTOS MOSAICOS

Amanda Dombrowski; Amanda De Paula; Ana Dimbarre;

Cassiana Tozati; Elisângela Schmidt; Fabiana

Manganotti; Janaina Cassol; Jessica Grossi; Kathleen

Schenberger; Larissa Onorio; Lerianny Tizon; Maria

Edling; Maria Pontaldi; Natália Barbosa; Rhamonn

Cottar; Taís Maria Ferreira; Veridiane Parize; Victória

Candia; Vinicius Rodrigues; Willian Lima



Foto: Janaina Cassol

E59 Ensaaios & fotorreportagens: do cotidiano no isolamento social [publicação eletrônica] / Carlos Alberto de Souza, Rafael Kondlatsch e Ingrid Petroski (Org.). Ponta Grossa: UEPG/PROEX, 2020. 60 p.: il. E-book.

ISBN: 978-65-86967-11-1

1. Fotografia. 2. Foto e Arte. 3. COVID-19. 4. Isolamento social. I. Souza, Carlos Alberto de (Org.). II. Kondlatsch, Rafael (Org.). III. Petroski, Ingrid (Org.). IV.T.

CDD: 770.28

Ficha Catalográfica Elaborada por Maria Luzia F. Bertholino dos Santos CRB9/986

REALIZAÇÃO



Grupo de estudos em Fotojornalismo, imagem e tecnologia
Jornalismo - Universidade Estadual de Ponta Grossa

ITERARC/ARTES

Grupo de Extensão

*Linhas de pesquisa continuada
- Processos Jornalísticos, Representações
e Práticas socioculturais;
Imagens na relação Arte e Ciência .*

APOIO



CONSELHO EDITORIAL

Andressa Kaliberda, Me. - Ibiá/RS

Angela de Aguiar Araújo, Me. -UEPG/PR

Ben-Hur Demeneck, Dr. - Pesquisador

Carlos Alberto de Souza, Dr. - UEPG/PR

Cássia Popolin, Dra. - UEL/PR

Cibele Abdo Rodella, Me. - UEPG/PR

Erivam de Oliveira, Me. - ESPM/SP

Helton Costa, Dr. - Unisecal/PR

José Isaías Venera, Dr. - Univali/SC

Josie Agatha Parrilha da Silva, Dra. - UEPG/PR

Lisbeth Oliveira, Dra. - FIC - UFG/GO

Nelson Silva Júnior, Dr. - UEPG/PR

Ofelia Elisa Torres Morales, Dra. - Pesquisadora

Paulo Cesar Boni, Dr. - UEL/PR

Paulo Rogério de Almeida, Me. - UEPG/PR

Rafael Kondlatsch, Dr. - UEPG e Unisecal/PR



Fotos: Elisângela Schmidt

Fotografia é linguagem. E construir uma narrativa coesa e atrativa não significa apenas apertar um botão e deixar que a tecnologia dê conta do resto. É preciso pensar, compor, escolher, enquadrar, cortar e, muitas vezes, refazer várias e várias vezes o mesmo “texto”. A imagem tem vida, tem sentimentos e é cada vez mais insubstituível em um universo dominado pelas tecnologias e coordenado pelas redes sociais, que hipervalorizam a imagem em detrimento do texto.

Para comunicar através da imagem é preciso domínio tecnológico, conhecimento técnico e, mais do que isso, como já disse o grande fotógrafo francês Henri Cartier-Bresson, “colocar na mesma linha, a cabeça, o olho e o coração”. A foto não é lida no sentido horizontal, da esquerda para a direita, com um monte de caracteres coordenados e pontuados categoricamente. Ela nos conduz por caminhos próprios, a partir da percepção do fotógrafo sobre a realidade por ele apresentada.

Em meio à pandemia do novo coronavírus vivenciada em 2020, o mundo todo se divide entre aqueles que, no ímpeto de proteger a própria vida e a dos seus entes queridos, mantêm-se reclusos, quase que em total isolamento, e aqueles que, exercendo funções consideradas essenciais, lutam para arriscar-se o mínimo possível diante do inimigo invisível. Em Ponta Grossa, no Paraná, não é diferente. A cidade vive momentos tensos e difusos. A realidade parece um eterno desfoque em contraluz e os registros, ao mesmo tempo em que

extremamente necessários, são difíceis de serem feitos. Buscar um novo olhar sobre aquilo que, por si só, está longe de qualquer normalidade é um desafio e tanto! Exige perseverança, perspicácia e criatividade.

As mãos que contam histórias fazem muito mais do que apertar botões. De produções de máscaras e confecção de receitas, ao vazio da cidade e às pessoas cheias de prudência nas suas atividades comuns. Esses são apenas alguns aspectos que o leitor poderá contemplar, com olhares e composições únicas que, certamente, já denunciam os traços e os formatos preferidos por todos esses fotógrafos.

As produções deste e-book, realizadas a partir de um minicurso virtual sobre fotojornalismo com celular, mostram a capacidade dos estudantes e profissionais em se reinventar, em observar o cotidiano e extrair dele tudo aquilo que, muitas vezes, nos passa despercebido. Os estudantes e profissionais da Comunicação Social se desafiaram a retratar o habitual sob perspectivas inusitadas, explorando o uso do celular. E engana-se quem pensa que isso é fácil. Esse aparelho, que outrora tinha como única função a realização de ligações e trocas de mensagens, agora é o principal meio de registrar e reportar a realidade.

A imagem do jornalista com câmera, bloquinho, gravador e mais uma coleção de pesados e pouco práticos equipamentos foi substituída. A realidade da profissão é muito menos romântica, mas bem mais prática. A portabilidade e o desenvolvimento tecnológico do

celular, aliado à exigência do público pela notícia cada vez mais instantânea, fizeram com que essa se tornasse a principal ferramenta de trabalho dos jornalistas. Hoje esse pequeno aparato fotografa, grava entrevistas, filma, edita e é capaz de colocar o profissional ao vivo, conversando diretamente com seu espectador. Em poucos cliques, uma imagem se transforma em notícia, através de ferramentas como o Instagram ou o Facebook, ainda no local onde o registro fotográfico foi feito.

Nas próximas páginas, será possível contemplar um importante registro histórico e jornalístico, feito apenas com o uso dos – antes apenas – aparelhos telefônicos. Aqui, através da aliança entre as técnicas e o olhar apurado dos fotógrafos, a plasticidade se alia à informação nas imagens, formando um belo conjunto que mostra o caos e a calma deste momento. Quem poderia imaginar que, dentro de casa, haveria tanta beleza, tantos aspectos a serem explorados e tantas nuances a serem descobertas? Certamente o leitor se surpreenderá com tamanha diversidade de histórias contadas em fotorreportagens e ensaios sobre o cotidiano do isolamento social.

Andressa Kaliberda

*Jornalista e Mestre em Jornalismo pela UEPG
Editora-chefe do Jornal Ibiá*

“OLHANDO” O ISOLAMENTO SOCIAL PELO CELULAR

Como proposta de proporcionar aos alunos e à comunidade alternativas de ensino em tempos de pandemia, orientação repassada aos departamentos pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, o Grupo de Extensão Foca Foto ofertou em junho de 2020, época em que o Corona Vírus atingia seu ápice no Paraná, o Minicurso Ensaio e Fotorreportagens do Cotidiano no Isolamento Social, sob a coordenação dos professores doutores Carlos Alberto de Souza e Rafael Kondlatsch.

A partir da orientação do Departamento de Jornalismo, os docentes constituíram um grupo de trabalho com alunos, profissionais e funcionários da UEPG, para dar seguimento à proposta. As atividades envolveram a organização de um site no qual foram disponibilizados vídeos técnicos sobre os temas: fotografia com celular, fotorreportagem de rua, olhar fotográfico, luz em ambientes fechados, o preto e o branco como elemento estético na fotografia, ensaios e fotorreportagens. Também foram disponibilizados, no ambiente, artigos científicos, dicas e relação de livros que tratam de teoria e técnicas fotográficas.

O curso teve a duração de aproximadamente 20 dias e contou com a inscrição de alunos de Jornalismo da UEPG e da UniSecal, além de pessoas da comunidade ponta-grossense. A proposta era utilizar o celular para registrar a cidade, o bairro e mostrar a rotina em cada comunidade onde o aluno residia em tempos de pandemia. Cada estudante deveria produzir fotos para o ensaio e fotorreportagem, procurando nessa ação revelar frações do que acontecia em casa e em sua cidade.

O resultado desse minicurso, como era a promessa, seria transformado em um e-book, que agora apresentamos aqui. Este é o 13º e-book do Grupo de Fotografia Foca Foto, que também contou com o apoio do Grupo de Pesquisa FotoTec (Processos Jornalísticos, representações e práticas sociais), Programa de Extensão Interarc e linha de pesquisa Imagens na relação Arte e Ciência.

Para dar sentido à produção fotográfica, os professores coordenadores do minicurso deram orientações sobre técnicas e características do ensaio fotojornalístico e da fotorreportagem. E as temáticas abordadas pelos acadêmicos foram variadas, coisa que o leitor pode conferir neste trabalho. A criatividade envolveu o registro de produções de máscaras, pães e outros alimentos, a rotina no lar, a prática esportiva e de exercícios, o isolamento social, o movimento na cidade e no comércio, bem como as atitudes de consumidores e agentes públicos.

No geral, os estudantes, a maior parte do primeiro e segundo anos de Jornalismo, demonstraram interesse nas temáticas e procuraram, com os recursos do telefone, construir narrativas que marcam a situação do isolamento social.

A produção foi armazenada em pastas no Google Drive para que todos tivessem acesso às experiências fotográficas compartilhadas pela equipe de organização que envolveu seis alunos e uma técnica multimídia, além de professores.

No e-book, organizado por Carlos Alberto de Souza, Rafael Kondlatsch e Ingrid Petroski, as melhores fotos produzidas para os ensaios e

fotorreportagens estão sendo disponibilizadas ao público nesta obra que fica hospedada no Issuu e na página da Proex, Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais, órgão que tem apoiado de forma incondicional a produção literária e técnica do Foca Foto (Fotorreportagem UEPG). Por essa razão, temos que agradecer à Pró-Reitora, Professora Cloris Regina Blanski Grden, e à UEPG pelo apoio e estímulo às atividades extensionistas na Universidade.

Consideramos que a extensão é um pilar importante, ao lado do ensino e da pesquisa, em qualquer instituição pública de ensino superior. E o curso de Jornalismo, por meio de seus vários projetos extensionistas, tem contribuído com a comunidade e com as instituições sociais, colocando em destaque o verdadeiro papel da Universidade, que é prestar serviços à sociedade e à comunidade que a cerca.

Essa missão é fundamental a qualquer instituição de ensino, ou seja, levar à comunidade o resultado do que ela produz; apresentar soluções e serviços de interesse coletivo especialmente aos mais necessitados. E, isso, acreditamos que a Universidade Estadual de Ponta Grossa vem desenvolvendo a contento, com esmero e qualidade.

**Carlos Alberto de Souza, Dr.
Rafael Kondlatsch, Dr.
Ingrid Petroski, Jornalista**

Dizer que a fotografia e o fotojornalismo têm força narrativa, não é nenhuma novidade. Desde o seu surgimento, por volta de 1835, a captura de imagens da realidade com o uso de meios mecânicos trouxe uma transformação no mundo moderno, especialmente com a consolidação da imprensa, fato estudado por Sousa (2004), Kossoy (1989), Oliveira e Vicentini (2019), Boni (2016) e outros pesquisadores da área. Esses autores chamam a atenção para o papel de arquivo e memória, mas especialmente para o poder informativo de uma imagem que, juntamente com o texto jornalístico, participa do processo de contextualização de um acontecimento.

Como observa Sousa (2004), referindo-se especificamente ao fotojornalismo, a fotografia jornalística assumiu papel preponderante na imprensa atual. Revistas, jornais e meios eletrônicos têm investido forte na produção de imagem, por considerar que ela dá credibilidade à narrativa jornalística. Ou seja, por mostrar o fato, os leitores passam a acreditar que aquilo que foi publicado tem caráter de verdade. Deve mesmo ter acontecido! Esse é o papel mais importante do jornalismo, que é o de levar informação verdadeira e de interesse social ao público e, para isso, lança mão de vários recursos como o uso da fotografia, infográficos, quadros, ilustrações e estratégias de diagramação, além de textos estruturados de forma encadeada da informação mais relevante para os dados menos relevantes com a finalidade, em seu conjunto, de chamar a atenção do público para um determinado acontecimento, que pode ser a irrupção

de um conflito social, guerra, golpe militar, eleição pública, atos de defesa da democracia, ou uma ação social em algum município para beneficiar, por exemplo, moradores de rua. Kobre (2011, p. 229) explica que “histórias inteiras” podem ser contadas por meio de fotos. Às vezes, essas histórias podem ser construídas em questões de minutos, semanas ou anos. A fotorreportagem, por exemplo, teve um crescimento significativo no mundo moderno, especialmente com o advento da Internet, período em que fotos, textos, notícias rompem todas as fronteiras geográficas e passam a ser visualidades em “tempo real”, graças ao avanço das técnicas.

Tanto na mídia impressa como na eletrônica, a imagem e o fotojornalismo têm assumido cada vez mais o protagonismo informativo. Deixam de ter a mera função de complementariedade para assumir papel principal. Uma foto, embora possa prescindir do texto, pode denotar e ao mesmo tempo conotar um fato, como bem observou em seus estudos Barthes (2000). O autor escreve sobre o caráter conotativo e denotativo da informação. Um exemplo dos tempos de hoje (julho de 2020) poderia ser traduzido com a fotografia de pessoas caminhando em praça pública, sem usar máscaras, desrespeitando orientações das autoridades de saúde. Além da denotação, que envolveria a descrição pura da imagem, tem o sentido conotativo que revela, por exemplo, uma polarização entre o governo federal (que insiste em desrespeitar as normas) e as entidades sanitárias. Pode marcar também, na esfera política, a contraposição entre bolsonaristas e o pessoal da esquerda, dos

partidos que fazem oposição ao governo de Jair Bolsonaro. A imagem pode revelar múltiplos sentidos, levando-se em conta o contexto, a situação política de um país, questões econômicas, sociais, jurídicas.

O primeiro conceito está relacionado aos sentidos, às vezes subliminares, às vezes evidente, proposto por uma determinada imagem, ultrapassando sua função denotativa de revelar “literalmente” o que se quer mostrar explicitamente – a cena em si que ela apresenta, com elementos do primeiro, segundo e terceiro planos.

Uma dimensão importante, tão importante quanto seu papel informativo, é a dimensão histórica da imagem. Imagens ajudam a contar histórias. São pistas fundamentais aos historiadores pelo seu caráter de memória. Se hoje sabemos parte do que aconteceu no Brasil e no mundo nas últimas décadas, ou mesmo séculos, parte disso é de responsabilidade do fotojornalismo, das coberturas fotojornalísticas, aqui e em várias partes do mundo.

Foi pensando justamente no caráter informativo e de arquivo à memória, que se resolveu, por intermédio do Grupo de Extensão Foca Foto - UEPG, fazer uma cobertura diferenciada de um novo acontecimento que afeta/afetou o Brasil em 2020 (pensado que este e-book poderá estar sendo lido em 2025, 2050). Quando lá no futuro estiver sendo lido, ter-se-á muito mais claras as palavras anteriores do caráter histórico e de memória da imagem jornalística.

E, quando o grupo decidiu investir em fotorreportagem e ensaios fotográficos, tinha cer-

teza de que tais “gêneros” se encaixariam bem na proposta de retratar em um minicurso a pandemia e o isolamento social em Ponta Grossa e em outras cidades do Paraná.

Aproveitar, por meio de nova abordagem fotojornalística, o registro deste momento que se vive, foi uma estratégia interessante, principalmente por se utilizar de uma ferramenta que vem sendo cada vez mais considerada na área jornalística: o celular. Fotografar a rotina familiar, o ambiente social, as atividades econômicas, “o clima” do novo tempo, as situações de contato social. Perceber e registrar o que acontece no bairro, o respeito às regras de isolamento, a solidariedade e as particularidades deste período que afeta significativamente brasileiros e o mundo.

Por mais incrível que pareça, por mais difícil que se mostre a situação, há/havia profissionais trabalhando para manter a saúde, os alimentos e remédios disponíveis; a cidade limpa e o auxílio às pessoas necessitadas. Em todos os cantos do país, pessoas se solidarizaram com o outro e não mediram esforços para aliviar a fome e o isolamento. Grupos de teatro, artistas, músicos usaram a Internet para shows e peças teatrais, como forma de amenizar os efeitos do isolamento. Tudo isso com a finalidade de entreter quem ficou em casa, ajudar a atravessar esses dias tenebrosos que vitimaram e continuam vitimando milhares de pessoas pelo mundo.

Apesar das dificuldades, nós que estamos de alguma forma vinculados ao jornalismo e ao campo da fotografia, decidimos aproveitar esses dias para aprimorar o olhar fotográfico, ver as coisas de modo diferente, criar e propor imagens interessantes sobre o novo cotidiano.

Sim, essa foi a nossa proposta e quando apontamos para a fotografia como uma alternativa de interpretação deste tempo de isolamento, com todos os seus impactos possíveis, fizemos isso porque acreditamos na força da imagem jornalística, no seu poder de revelar a realidade e eternizar o momento singular da história da humanidade.

A pandemia revela muitos cenários, mas dois se sobressaem: a cidade e o lar. Nesses espaços, pensando que a cidade se estende para a comunidade e ao bairro, seria possível fazer imagens que refletissem a situação da pandemia e do isolamento social nos Campos Gerais e, por extensão, no Paraná. Por isso, optamos por trabalhar a fotorreportagem, que tem o poder de mostrar uma situação (fome, pobreza, caos, solidariedade, cataclismas ambientais, guerra) e ensaios (histórias com começo, meio e fim).

A fotorreportagem ou reportagem fotográfica, de acordo com Buitoni (2011), especialmente quando associada ao texto jornalístico, pode ser entendida como uma construção narrativa. Essa construção é mais rica se envolve outros elementos na sua conjugação como, por exem-

plo, infográficos, mapas, ilustrações e uma diagramação que se utiliza de vários elementos gráficos para evidenciar o acontecimento. Na opinião de alguns autores, a fotorreportagem faz um raio X de uma situação que pode ser a pobreza de uma cidade ou a favelização dos grandes centros urbanos. Trata-se da Grande Fotografia, vista sob vários ângulos e perspectivas, procurando revelar as várias facetas de um tema, seja ele guerra, conflito social, ação humanitária ou qualquer tema de relevância à coletividade.

Enquanto a fotorreportagem procura revelar uma realidade, seja ela dura ou não, os ensaios, nesse caso específico da pandemia, podem evidenciar como uma pessoa, família ou grupo enfrentam o momento, o que representa o isolamento, que atividades fazem parte da nova rotina, que cuidados têm com os pais, avós e outros parentes. O que cada indivíduo tem feito para melhorar a sua saúde mental. Que atividades fazem para envolver a família. Como está sendo o cuidado com os doentes e idosos. Todos esses são temas interessantes para explorar em ensaios fotográficos. As fotos, por si, devem contar uma história. É isso que esperávamos da produção do grupo de alunos e parece que os resultados, que podem ser vistos neste e-book, foram muito interessantes.

A LUZ EM AMBIENTES FECHADOS

Annelize Tozetto



A FOTOGRAFIA COM O CELULAR

Andressa Kaliberda



printscreens dos vídeos gravados por convidados.

A FOTORREPORTAGEM DE RUA

Josué Teixeira



O PRETO E BRANCO COMO ELEMENTO ESTÉTICO NA FOTOGRAFIA

Lucas Galli



Fazer um ensaio

Como já se observou, o ensaio é uma maneira de contar histórias, narrar imagetivamente um acontecimento ou evento. Para ter eficácia, o ensaio deve ter começo, meio e fim, como qualquer obra “literária”.

Ao fazer um ensaio sobre um protesto público, vale o exemplo, o fotógrafo, dependendo da situação, é claro, poderia começar mostrando a chegada dos manifestantes ao local de concentração. Eles vêm trazendo faixas, tambores e cartazes. Sentam-se no chão; enquanto não começa o ato; conversam, reúnem-se em pequenos grupos. O meio dessa história seria o próprio manifesto, com os organizadores no “palanque”, falando aos manifestantes, gritando palavras de ordem, revelando as pessoas, erguendo a mão para falar, apresentando por meio de fotos gerais a adesão ao protesto, faixas, bandeiras, cartazes... O final poderia ser a polícia batendo ou expulsando os manifestantes da praça ou das ruas onde estavam concentrados ou, simplesmente, as pessoas retirando as faixas, voltando para casa, carregando seus tambores, apitos, bandeiras. Com isso, você teria a história completa do ato e as fotos, em seu conjunto, contariam uma verdadeira história, sem a necessidade de muito texto. Como observam alguns teóricos, as fotos falam (muitas vezes) por si.

Mas os ensaios podem privilegiar outros temas como a vida no campo, o casamento de pessoas “ilustres”, a questão de famílias em situação de risco na cidade, o ritmo de obras públicas, a ação de alguma entidade social ou competição esportiva. No nosso caso específico, a atenção desta obra é ao problema do isolamento social e suas consequências na vida das pessoas, no comércio, transporte público, lazer e convívio social

Uso do celular em ensaios

O celular já foi consagrado no meio jornalístico como importante ferramenta de trabalho e, por isso, deve-se aproveitar ao máximo as suas potencialidades, pensando questões como enquadramento, composição, planos, ângulos e técnicas (panning, regra dos terços, foco/desfoque, borrar/congelar) que ajudam a melhorar a fotografia; temas tratados por autores como Folts e Lovell (2006), Kobre (2011). De acordo com Brunet (2007, p. 2), em trabalho apresentado no Congresso da Intercom, na mídia impressa começou a se tornar rotineiro o uso da fotografia feita pelo celular, passando-se a abrir mão da qualidade técnica de uma fotografia jornalística, produzida com câmeras profissionais. Isso, em sua opinião, deve-se ao fato do imediatismo de uma foto feita por celular, quando o ‘fotógrafo’ pode vivenciar um fato no momento que ele está acontecendo. “Estando sempre acompanhado por uma câmera, fica muito mais fácil estar no lugar certo, na hora certa”. Embora, a autora se refira à fotografia amadora, que acaba sendo aproveitada pela empresa jornalística, hoje cada vez mais fotógrafos de empresas jornalísticas têm recorrido ao aparelho para registrar fatos e cenas do cotidiano, enquanto se deslocam para a redação ou mesmo para casa. Tornou-se fácil e rápido, especialmente na era dos smartphones, transmitir uma imagem de qualidade ao veículo onde o profissional trabalha, tornando com isso todo o processo mais ágil.

A ideia era conseguir expressar, por meio dessa série de imagens via smartphones, o que acontece no lar, no bairro, no meio social. A proposta era valorizar o equipamento que cada vez mais vem sendo explorado por fotojornalistas e

pelas empresas de comunicação. Que flagrantes é possível capturar, que sentimentos as pessoas deixam transparecer, que cuidados se tornaram rotineiros em nossas vidas. Que relações sociais temos mantido. A fotografia tem o poder, desde a sua descoberta, de mostrar traços de realidade, recortes em forma de quadro do que se passa em um determinado momento, mas que são significativos, do ponto de vista social e histórico. Por meio da fotografia, pode-se congelar esta nova realidade. E esses arquivos poderão nos ajudar a entender o passado e, também, porque não dizer, pensar o futuro. Mudar comportamentos, prestar mais atenção e ter mais cuidados com o outro. Relevam-se histórias, culturas, povos e o mundo. A imagem não é inocente, pura, reveladora. Ela também pode manipular, propor sentidos, dependendo muito de quem está por trás da câmera, da empresa que patrocina a informação, do momento político vivido e do contexto social da época. São muitos fatores que interferem no trabalho jornalístico, quando a ação não se pauta pela ética profissional. A regra de ouro é sempre a “ética profissional”, o respeito ao outro, aos seres humanos.

Nosso lema para o minicurso que criamos e que ajudou a construir esta obra, era: “aproveitem” a pandemia para afinar o olhar fotográfico, para refletir sobre a responsabilidade da fotografia e do fotógrafo e para divulgar a sua produção fotográfica, bem como para se aperfeiçoar nas técnicas. É importante valorizar o tempo que as pessoas dedicam aos afazeres domésticos, à vizinhança e às coisas que acontecem no bairro, na cidade ou no campo. Toda essa produção tem sentido e será um importante arquivo, álbum de família de um tempo passado: 2020.

A obra tem caráter de preservação da memória. É a contribuição que todos participantes do projeto darão à Universidade e à comunidade, missão primeira de quem estuda em uma instituição pública. Serve igualmente para refletir sobre o campo da fotografia e da imagem e sua importância como meio informativo na contemporaneidade, além de despertar nos acadêmicos o gosto pela fotografia, por projetos fotográficos e pelo aprimoramento de criação de sua própria linguagem fotográfica.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. A mensagem fotográfica. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. 6 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000
- BUITONI, D. S.; PRADO, M. (org). Fotografia e jornalismo: A informação pela imagem. São Paulo: Saraiva, 2011. 216p.
- BONI, P. C.; OLIVEIRA, M. de. A fotografia na mídia impressa. Londrina: Midiograf, 2016.
- BRUNET, K. S. Fotografia por celular: questionando novas práticas e dinâmicas de comunicação. In: Anais do XXX Intercom, 2007
- FOLTS, J. et al. Manual de fotografia. São Paulo: Cengage Learning, 2006
- KOBRÉ, K. Fotojornalismo, uma abordagem profissional. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.
- OLIVEIRA, E. M. de; VICENTINI, Ari. Fotojornalismo. São Paulo: Cengage, 2019.
- SOUSA, J. P. Fotojornalismo: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia na imprensa. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

**Por: Carlos Alberto de Souza, Dr.
Rafael Kondlatsch, Dr.
Ingrid Rafaela Petroski, Jornalista**

ENSAIO ENSAIO

*Amanda Dombrowski, Ana Luiza Bertelli Dimbarre, Elisângela Almeida Schmidt,
Laísa de Moraes Pereira, Larissa Onorio, Lerianny Barbosa Tizon, Rhamonn Rangel
Cottar, Taís Maria Ferreira e Victória Catharina Sellares de Candia.*



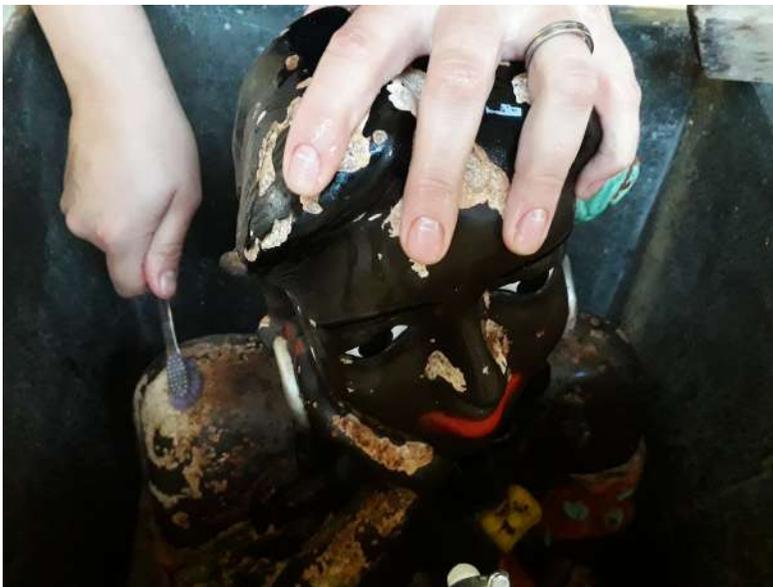
A TERAPIA EM TRABALHAR COM PEÇAS EM GESSO

Neste ensaio, retrato a restauração de peças em gesso, trabalho desenvolvido por Ronaly Intima. Ela começou na atividade em novembro de 2019 e, desde então, sempre tem uma peça nova em casa para restaurar. Ronaly reside em Ponta Grossa e aproveita o intervalo de seus dois trabalhos, para se dedicar ao hobby. Atua em um escritório de contabilidade e é dona de uma loja de calçados na cidade. O tempo para finalizar uma peça depende do seu tamanho. As peças retratadas no ensaio demoram em torno de 20 dias, considerando o tempo disponível que a artesã tem para realizar o restauro.

O passo a passo da restauração inclui lavar a peça, caso ela esteja suja, esperar secar, lixar, cobrir as imperfeições com gesso, esperar novamente secar, lixar e passar o primer. O próximo passo é tirar o pó com um pincel ou um pano quase seco, pintar, fazer os detalhes e finalizar a peça com verniz.

Ronaly começou o trabalho para adquirir experiência. Queria saber se iria gostar de pintar em gesso. Pegou peças danificadas da igreja para experimentar o trabalho, pois também pinta objetos novos. Ela finaliza, dizendo que o trabalho é muito terapêutico.

Por Amanda Dombrowski





TUDO PARA MOTIVAR OS ALUNOS A APRENDER

Neste ensaio, foi retratada a rotina de um professor de educação física com o sistema de educação a distância (EAD), devido à Covid-19. Rafael Mikowski Dimbarre, 44, é professor e coordenador de esportes da Escola Santa Teresinha há 23 anos, na cidade de Ponta Grossa.

Ele conta que essa adaptação rápida foi um pouco complicada no início, pois não tinha muito conhecimento da área tecnológica e precisou aprender para passar o conteúdo das aulas aos seus alunos. Rafael posta no sistema da escola uma aula por semana, com média de 20 a 30 minutos, sendo exercícios físicos ou desafios lúdicos. A cada vídeo realizado, o professor deve escolher um espaço razoável e materiais fáceis para que seja possível a elaboração de exercícios por parte de seus estudantes.

As fotos mostram a sequência de todo o processo. Primeiro, a montagem da aula, que nesse caso é a mini quadra de vôlei. Ele utilizou fita larga, tecido, dois latões de lixo (podem ser substituídos por cadeiras) e uma bola (no vídeo, o jogo foi realizado com duas, alternando-as). Em seguida, é feita a explicação do jogo com as suas duas filhas demonstrando e, na sequência, o professor entra na brincadeira também. Depois disso, é gravada uma conversa final com os alunos sobre o que foi proposto para a semana e, por último, a gravação da aluna com a mãe para que o vídeo seja enviado ao professor para ser avaliada no bimestre.

Por Ana Luiza Bertelli Dimbarre





A ROTINA CONTRA O COVID-19

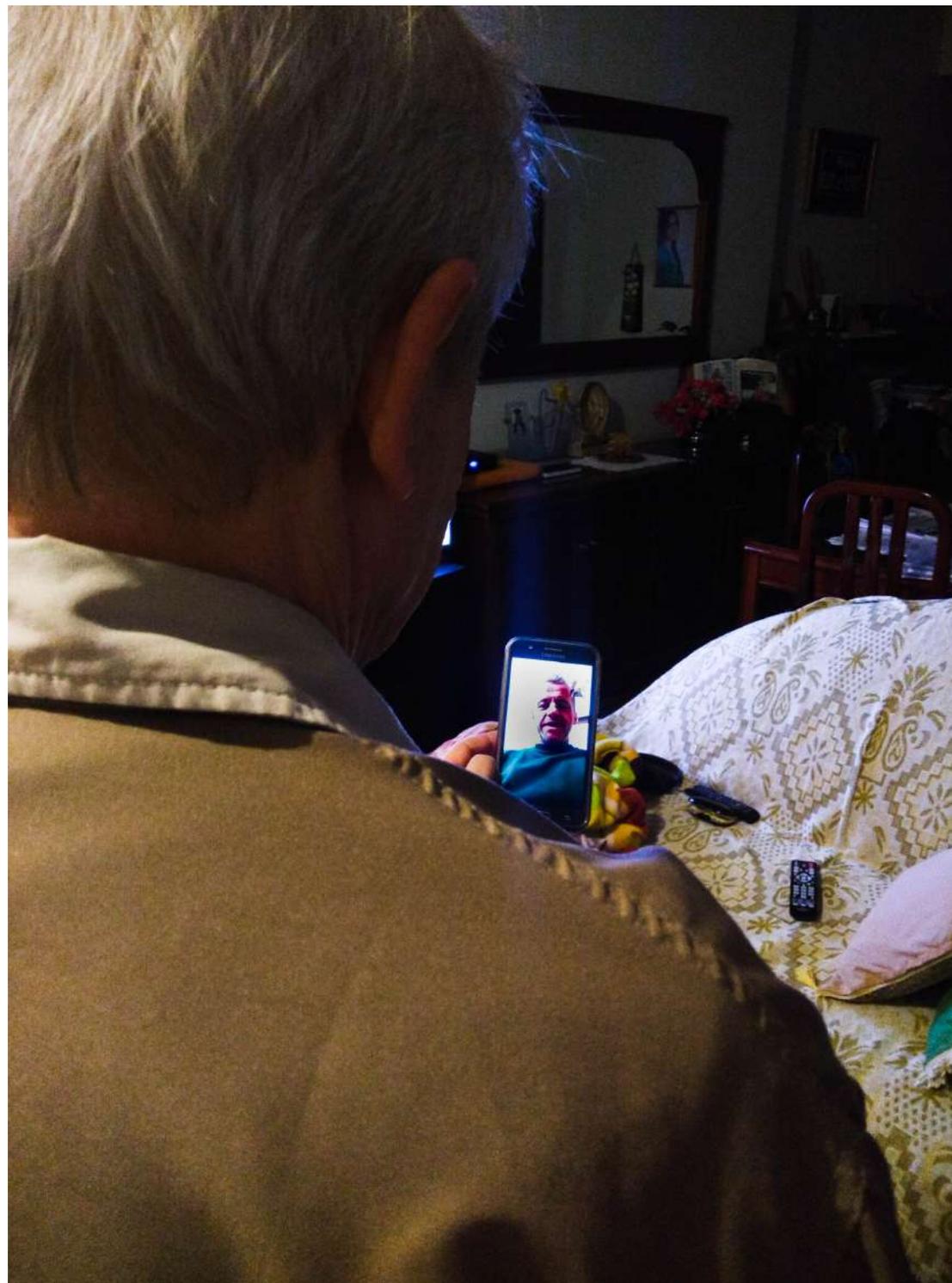
Casados há 28 anos e aposentados há mais de cinco, Elisa e Luís nunca tiveram uma rotina pacata. Professor e músico, Luís ainda dava suas aulas de violão clássico semanalmente. Já Elisa nunca deixou as atividades físicas e a reunião com as amigas de lado. Convencê-los a ficar em casa é um desafio diário.

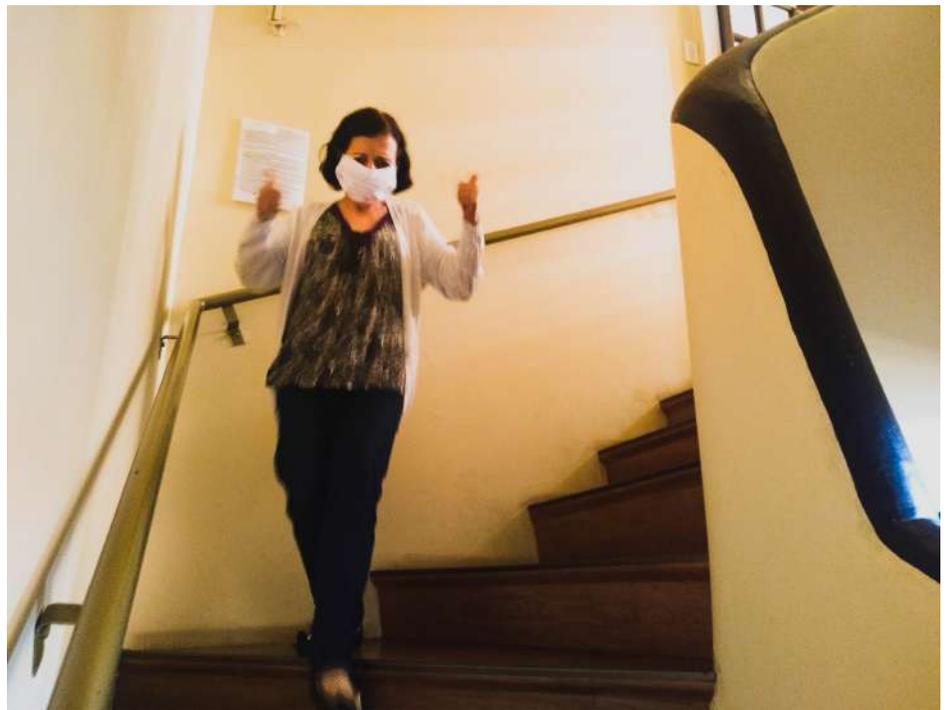
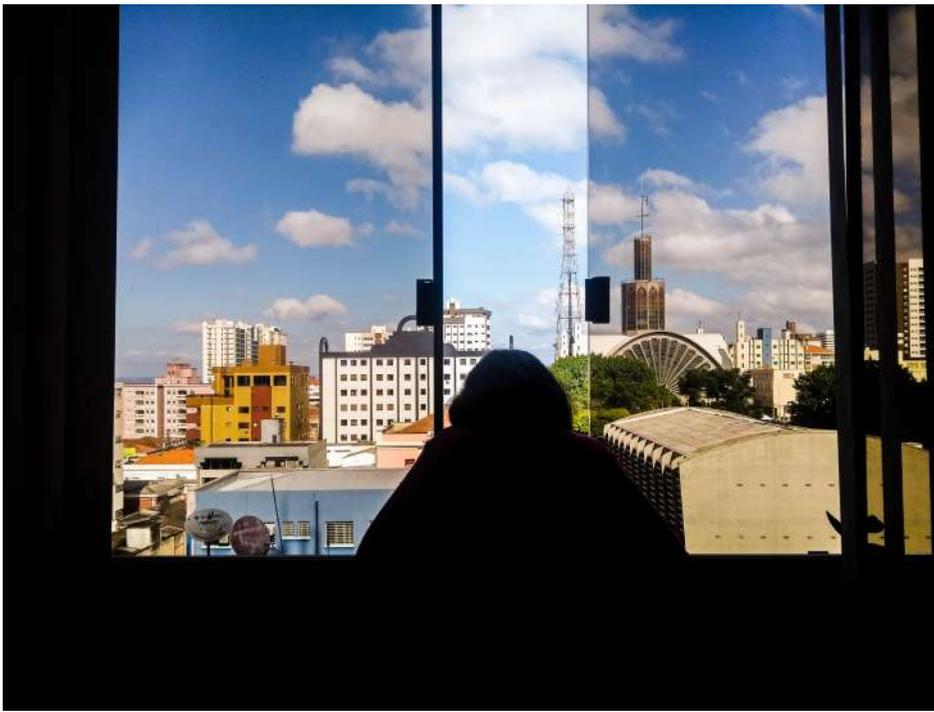
Logo após os primeiros casos da COVID-19 serem anunciados, o casal entrou em quarentena. São três meses dentro de casa. Sem distrações tecnológicas como Netflix ou redes sociais, os dois lutam contra o tédio diariamente. Os livros são os maiores companheiros nessa rotina e a única forma de viajar para outros cantos do mundo.

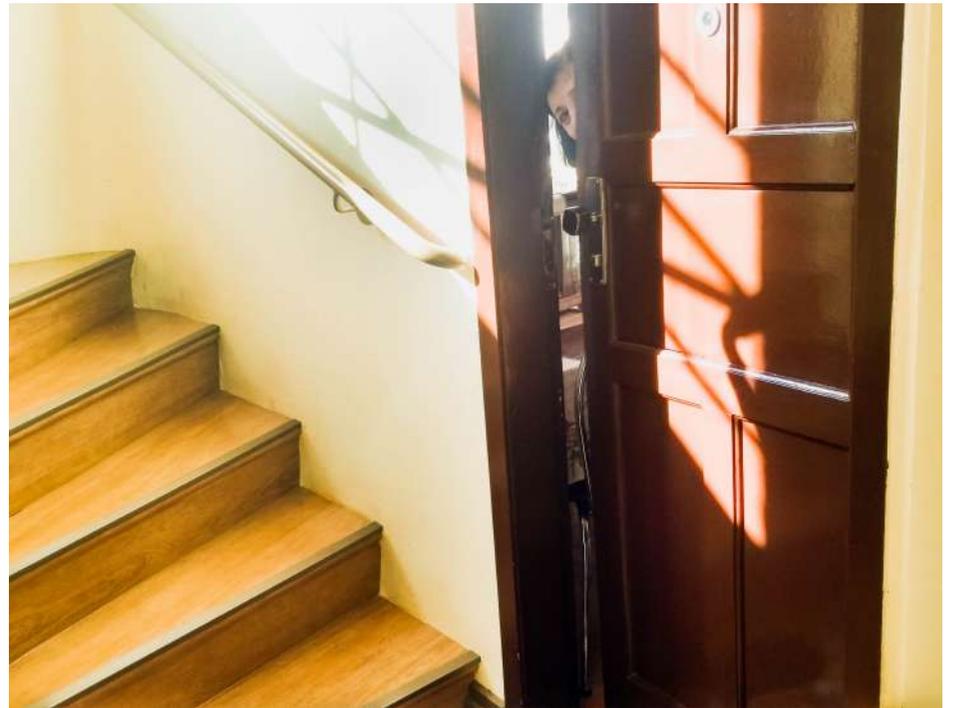
Elisa sempre fala em tom nostálgico: “Saudades de ficar horas escolhendo as compras do mercado”. Já que o único passeio realmente possível é ir até o mercado e somente dentro do carro.

A ausência de uma caminhada diária e a visita aos familiares também têm sido muito difíceis para eles. Luís visitava a mãe e os irmãos todos os dias. Atualmente o único contato é pela tela do celular. Agora, as tardes de sol e o olhar para outras pessoas são restritos às janelas do apartamento.

Por Elisângela Schmidt









FRAGMENTOS DO COTIDIANO

“Todo dia, ela faz tudo sempre igual, me sacode às seis horas da manhã, me sorri com um sorriso pontual e me beija com a boca de hortelã” é um trecho da música “Cotidiano”, de Chico Buarque.

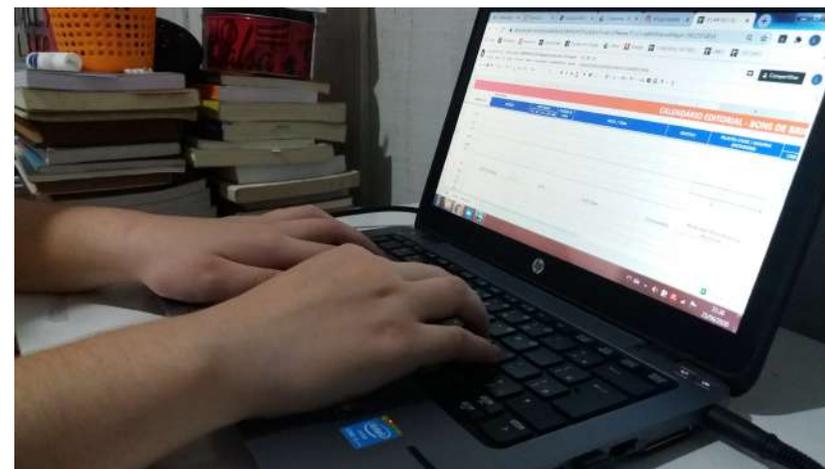
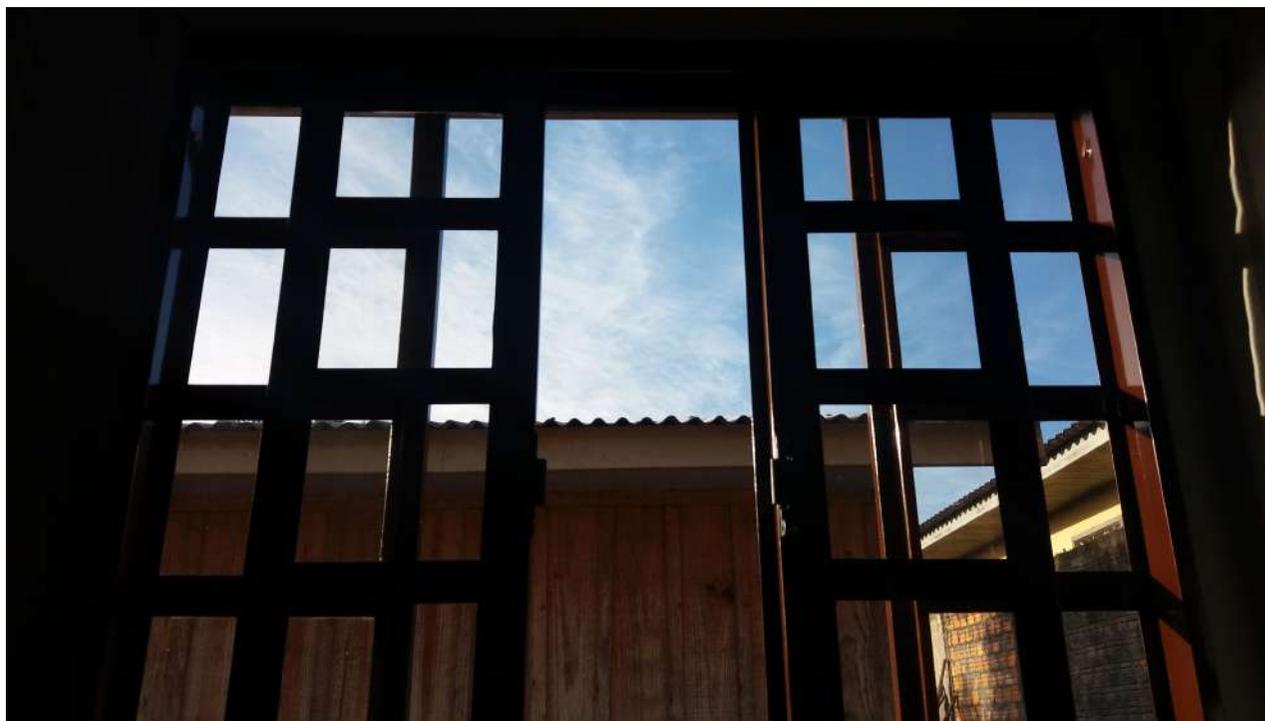
Há mais de 100 dias, ela tem sido acordada lá pelas sete horas da manhã, mas nem sempre é com um sorriso. A rotina tornou-se um peso. É um tal de acorda, levanta-se, trabalha, come, trabalha de novo, estuda e dorme que não tem fim! Trabalhamos aqui dentro, assistindo ao tempo passar pela janela.

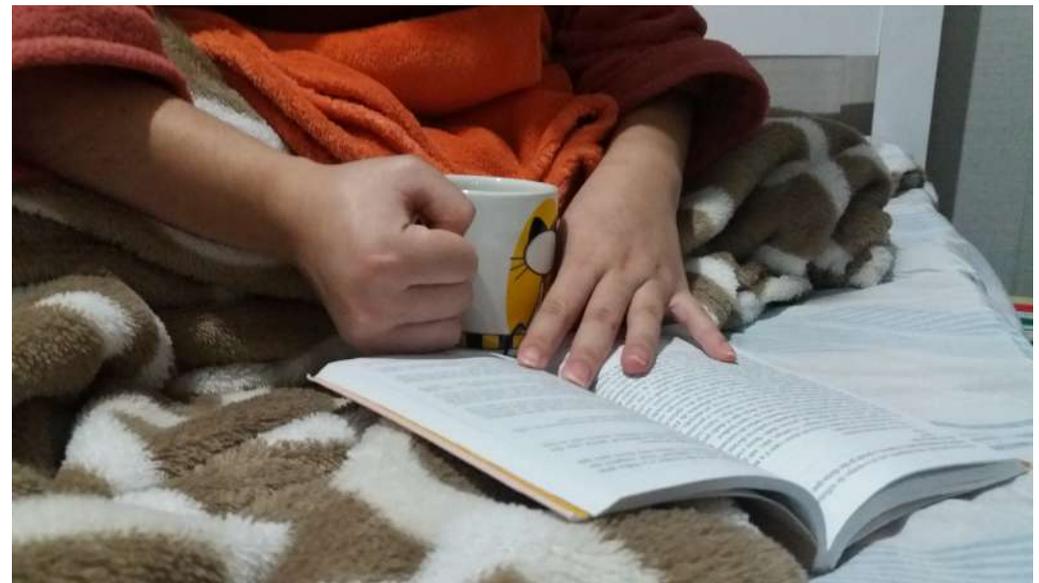
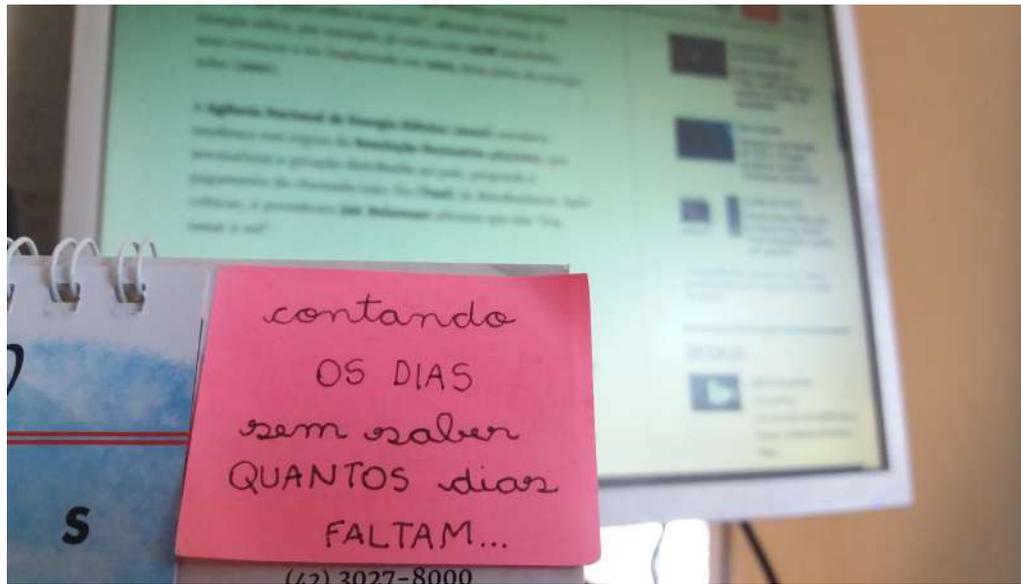
Todos os dias o ciclo se repete e a esperança é de que seja temporário, mas isso nin-guém sabe mais. A pandemia da Covid-19 tem sido devastadora.

As fotos desse registro, em formato de ensaio, foram realizadas durante um dia de trabalho e estudo. Acompanhando toda a rotina de um home study e de um home office, em uma casa com zero estrutura para receber esse tipo de atividade.

Enquanto o mundo continua girando, aqui dentro permanecemos contando os dias, sem saber quantos dias faltam para acabar essa loucura.

Por Laísa de Moraes





IDOSO APROVEITA O ISOLAMENTO PARA PRODUZIR SEU PÃO CASEIRO

Durante a pandemia da Covid-19, talvez uns dos mais afetados pela quarentena são os idosos. Por serem do grupo de risco, devem evitar ao máximo sair às ruas. Simples idas ao mercado para comprar um pão, por exemplo, foram limitadas. Diante disso, muitos alimentos, antes, comprados prontos, hoje estão sendo feitos em casa com mais frequência.

Aos 71 anos de idade, Laurival Wigineski, meu avô, continua sendo um homem muito ativo. Laurival é aposentado há 24 anos e, por ser diabético, faz parte do grupo de risco do novo coronavírus. Por isso, mantém-se em casa para evitar contaminação e usa seu tempo livre construindo móveis de madeira e, frequentemente, assando pães e bolos para a família. Neste ensaio, eu acompanho meu avô na produção de pão caseiro.

Laurival conta que aprendeu sozinho como fazer pão há 15 anos. Nesta receita, utilizam-se: farinha de trigo, ovos, leite, açúcar, sal, manteiga e fermento biológico. Após misturada e sovada a massa, leva em torno de 2 horas para ela descansar e crescer, para enfim ser levada ao forno.

Por Larissa Onório





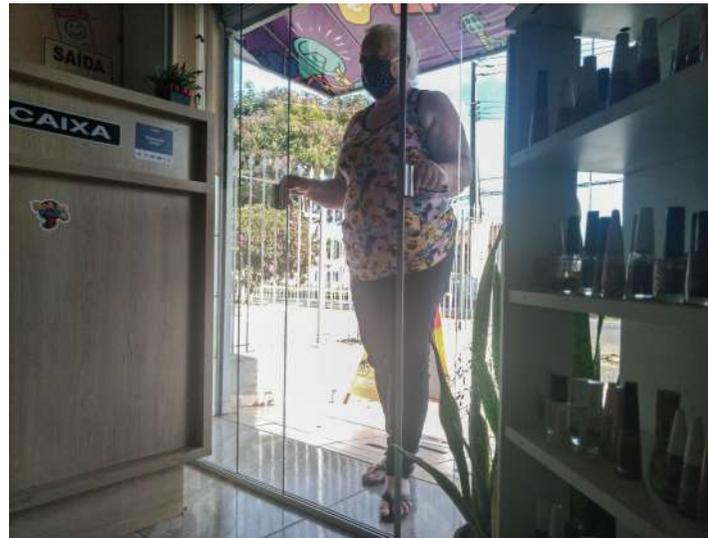
EMPREENDEDORA LOCAL DÁ EXEMPLO DE AÇÃO PRÓ-SAÚDE

Conforme ficou mais evidente nos últimos meses, devido ao aumento de casos da Covid-19, o micro e pequeno comércio de Ponta Grossa passou a viver uma nova realidade para cumprir as normas básicas de saúde. Além de modificar toda uma rotina para permanecer aberto e não enfrentar uma crise.

Por isso, neste ensaio, decidi relatar o cotidiano de Adriana Cristina Rebonato Barbosa, dona de um salão de beleza, localizado próximo ao centro de Ponta Grossa. Durante a abordagem fotográfica, busquei desenvolver uma história de adequação à nova perspectiva de comércio, diante de uma atividade que lida diretamente com as pessoas.

Adriana precisou mudar hábitos para que pudesse seguir atendendo suas clientes sem nenhuma ameaça de contaminação. Por conta da pandemia do novo coronavírus, o toque, o sorriso e a formalidade, infelizmente, tiveram que ser alterados. Com isso, ela conseguiu que o cuidado com a saúde compactuasse com a área da beleza, criando uma certa segurança às suas clientes. Não permitiu que a profissão afetasse a sua própria saúde e a de quem convive com ela. Adriana é o retrato de diversos brasileiros que, mesmo em meio ao maior colapso mundial, seja no campo econômico ou da saúde, não desistiu de conquistar seu espaço no comércio local.

Por Leriany Barbosa





RELIGIOSIDADE DURANTE A PANDEMIA

Devido ao aumento dos casos confirmados do novo coronavírus, o bispo da diocese de Ponta Grossa, Dom Sergio Arthur Braschi, determinou que as paróquias dos 17 municípios que compõem a diocese, suspendessem as celebrações com a presença de fiéis nos meses mais complicados da doença. Com a medida, todas as paróquias retomaram a rotina de missas restritas, ou seja, apenas com a presença do padre celebrante e de equipe litúrgica reduzida. Na Catedral de Ponta Grossa, Paróquia de Senhora Sant'Ana, a noite do dia 19 de junho marcou a última celebração do mês com a presença da comunidade.

O pároco, padre Antônio Ivan de Campos, celebrou a missa seguindo as medidas restritivas baseadas nos critérios estabelecidos pelos decretos do governo Estadual e Municipal. As missas são mais curtas, não há contato entre os presentes, o uso de máscaras é obrigatório, inclusive para o padre e os assentos possuem isolamento para as pessoas manterem o distanciamento.

A opção por este tema levou em consideração que se trata de pauta jornalística as expressões religiosas. Especialmente pelo fato de passarem por adaptações e rígidos controles com a saúde de religiosos e fiéis. Sobretudo a Igreja Católica, por fazer parte de minha profissão de fé. Conforme orientado a sequenciar três momentos, busquei retratar os instantes da paramentação litúrgica. A celebração em si, com registros das manifestações de religiosidade. A saída do padre do altar que, nessa noite, acompanhou a finalização do restauro da imagem de Senhora Sant'Ana.

Por Rhamonn Rangel Cottar





LUGAR DE LIXO É NO LIXO

Meu nome é Taís. Participo do Grupo de Extensão Foca Foto desde seu início em março de 2010. Sou amante da fotografia e acredito que tudo pode ser fotografado. Todas as fotos foram produzidas com celular. Em tempo de pandemia, em isolamento social, fui incumbida de fazer um ensaio fotográfico.

Como preciso ir duas vezes a uma farmácia para avaliar minha pressão arterial, e faço isso a pé, tive a ideia de fotografar lixeiras. Observei que são feitas de diversos materiais. Algumas estão fixadas em gradis, outras em cima de muro, há aquelas que estão nas calçadas.

Vi em um telejornal que, em tempo de pandemia, as pessoas estão produzindo mais lixo. Por esse motivo, acredito que é um bom tema. Também ao pensar na importância que elas, as lixeiras, têm quanto à ordenação, organização para a coleta do lixo produzido.

Por Taís Maria Ferreira





COVID COMPLICOU A VIDA DOS IDOSOS, ESPECIALMENTE OS DOENTES

O aposentado Waldomiro Axt, 87, há alguns anos apresenta sintomas da doença de Alzheimer e demência, em que há o declínio progressivo das capacidades cognitivas. Repete várias vezes o mesmo assunto, troca o nome dos filhos, não sabe o dia de hoje, confunde datas, esquece-se de acontecimentos recentes. Também, por causa da idade, não ouve, não enxerga direito, além de ter dificuldades de locomoção.

Os dois filhos que moram com ele, Ivete e Sérgio, o ajudam a se alimentar, vestir, tomar banho e tomar os remédios que tentam amenizar todos os sintomas, inclusive tonturas e incontinência urinária. Teimoso, não larga o cigarro que fumou durante a vida inteira. Dizem que quando ficamos velhos, voltamos a nos comportar como crianças. Mesmo antes da pandemia, ele não saía sozinho, apenas acompanhado, e agora só em casa sua rotina consiste em levantar-se da cama, sentarse no sol para fumar - às vezes na companhia de um gato - observar o movimento da rua, dar uma volta na casa, e voltar para a cama.

Por Veridiane Parize





COSTUREIRA PRODUZ 70 MÁSCARAS POR DIA EM MEIO À PANDEMIA

Durante a pandemia da Covid-19, o uso de máscaras se tornou comum entre as pessoas, criando assim, a oportunidade de uma renda extra para quem as produz. Nessa atividade, foi registrado o processo de produção das máscaras feitas por Marli do Rósio da Silva Freitas, 57, que é costureira há 12 anos.

Devido ao decreto municipal nº 17.395, que torna obrigatório o uso de máscaras em Ponta Grossa, ela iniciou a produção para doação. Porém, com a queda de encomendas para ajustes e fabricações de roupas, seu faturamento foi diretamente afetado. Então, para recuperar seu fluxo de vendas, ela começou a produzir máscaras de tecido no valor de 5 reais cada.

Com o auxílio de sua filha Rafaela Freitas de Lima, de 21 anos, elas produzem em média 70 máscaras por dia, atendendo sob encomenda e à pronta entrega para toda a cidade. Marli relata que, durante os dois primeiros meses de produção, ela e sua filha Rafaela chegaram a trabalhar de segunda à segunda, em média 12 horas por dia. No entanto, no mês de junho, devido ao aumento de concorrência no ramo e por se tratar de máscaras reutilizáveis, o fluxo de vendas diminuiu e sua carga horária também, que agora foi reduzida para 8 horas por dia, de segunda à sexta.

Por Victória Sellares





MÃOS QUE NÃO PARAM...

Em meio a uma pandemia, existe um serviço essencial que, independente do que aconteça, jamais para: o serviço de uma dona de casa. Cuidar de uma casa é um trabalho que, apesar de não ser remunerado, se revela algo tão desgastante como qualquer outro serviço.

A mão que passa café todos os dias é a mesma que varre a casa. Todos na casa ajudam, na medida do possível, mas as mãos que lideram e coordenam todo o trabalho doméstico em minha residência são da dona de casa.

Toda e qualquer mão amiga que ajude no trabalho caseiro alivia o fardo diário que a rotina de casa traz, mas nenhuma delas trabalha com a mesma perfeição e dedicação que as mãos da “Mãe” têm.

Por Willian Brasil dos Santos Lima





FOTORREPORTAGEM

FOTORREPORTAGEM



Amanda Martins, Cassiana Luiza Morilha Tozati, Fabiana Manganotti, Janaina Cassol, Jessica Allana Grossi, Kathleen Borges Schenberger, Larissa Hofbauer, Maria Catharina Iavorski Edling, Maria Luiza Pontaldi e Vinicius Sampaio Rodrigues

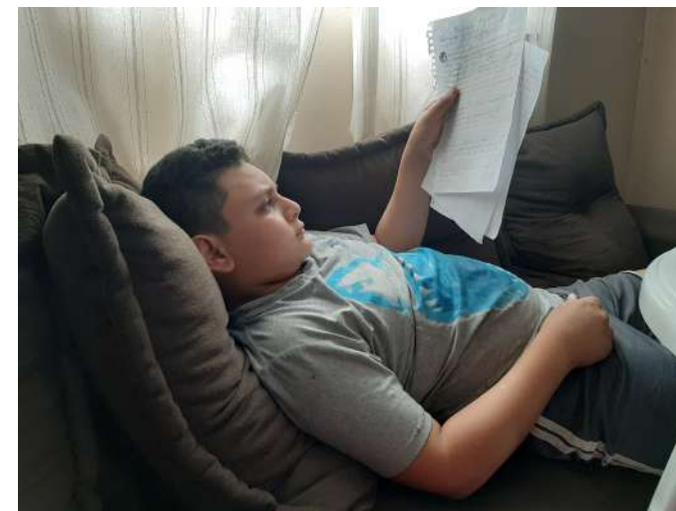
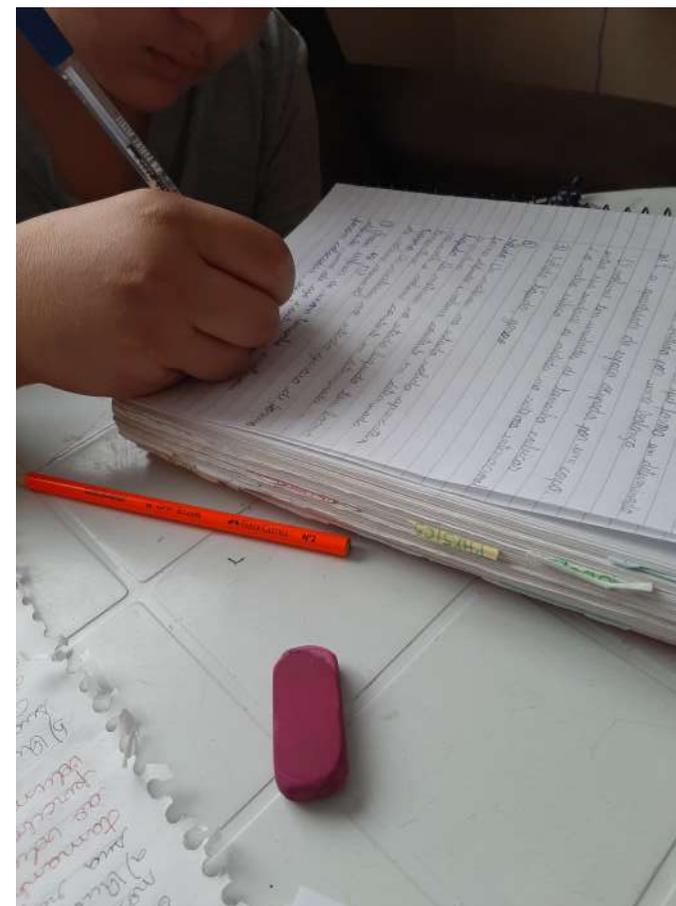
HOME OFFICE DE UM ESTUDANTE DO ENSINO FUNDAMENTAL EM MEIO À PANDEMIA

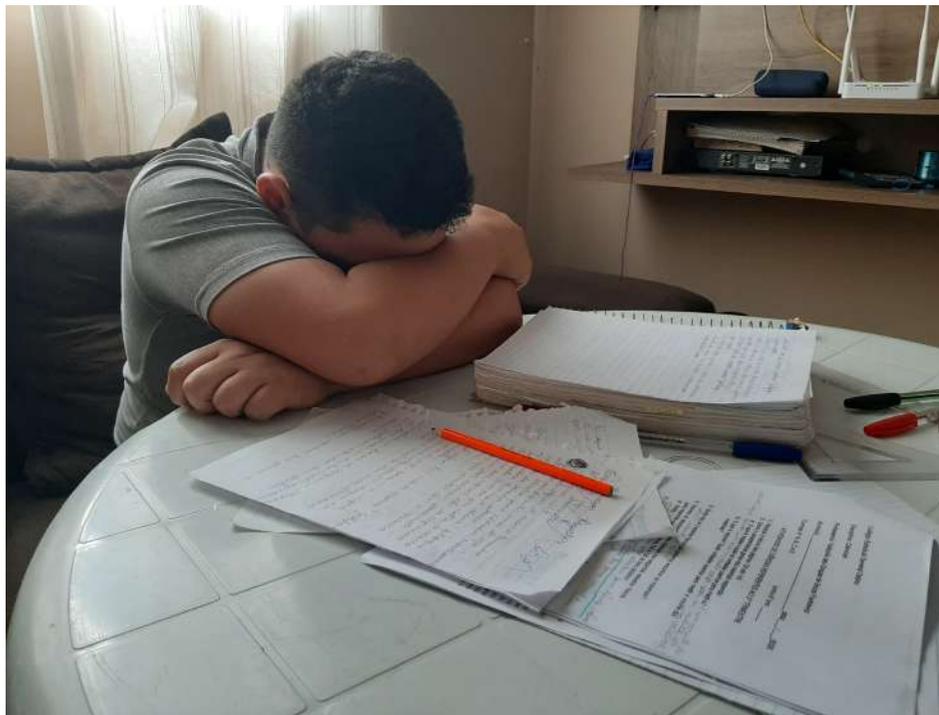
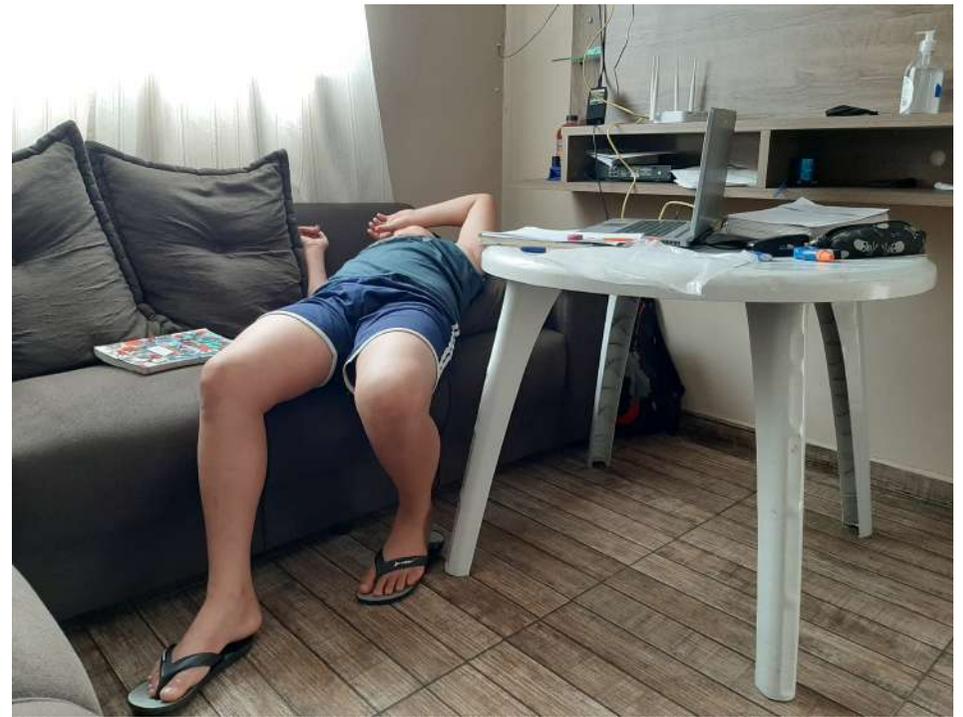
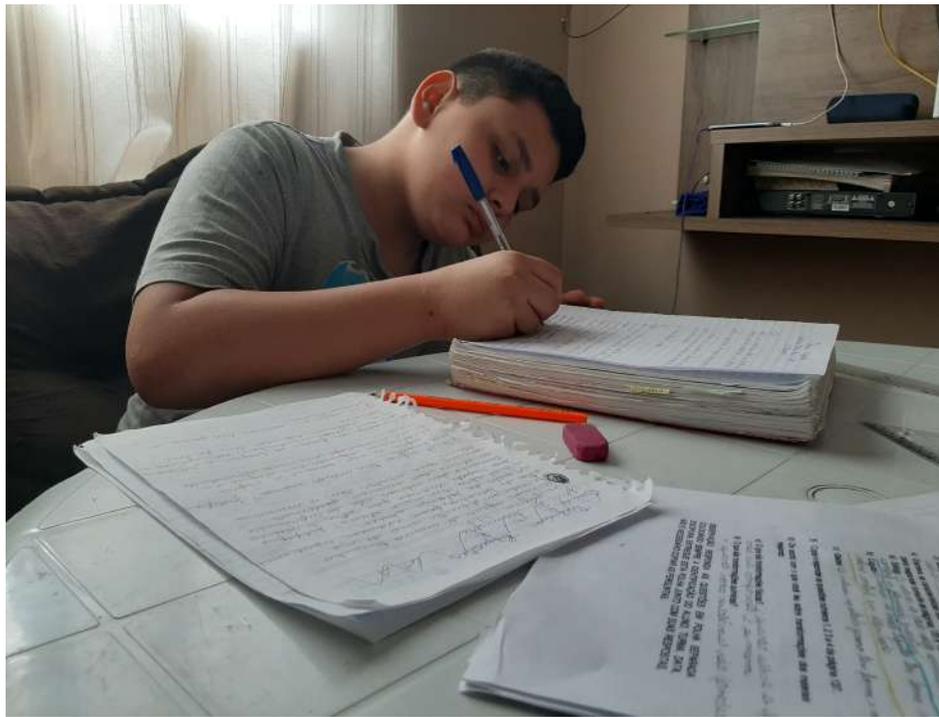
Com o início da pandemia, causada pela Covid-19, trabalhadores formais, informais e estudantes tiveram que se adaptar à nova realidade vivida pelo país para dar conta de suas tarefas diárias, como forma de evitar prejuízos e atrasos na escola.

Na área da educação, a implementação do sistema de Ensino a Distância (EaD) teve por objetivo salvar o ano letivo. Porém, esse método agravou a situação de desigualdade social, especialmente no sistema de ensino público, devido ao fato de muitas crianças e adolescentes não terem um computador ou celular com acesso à internet em casa para cumprir as aulas a distância.

Diante da nova realidade vivida, procurei retratar a imensa dificuldade enfrentada pelo meu irmão de onze anos, estudante do ensino fundamental da rede pública. Não saber como realizar determinadas tarefas, não ter suas dúvidas esclarecidas, perder o apreço que tinha por estudar e saber que alguns colegas, infelizmente, não têm as mesmas condições que ele para conseguir realizar os exercícios e tarefas exigidas pela escola, fez com que as reclamações sobre toda esta situação aparecessem com frequência.

Por Amanda Martins de Paula





A PALAVRA DE ORDEM É HIGIENE

Com a pandemia, os cuidados com a higiene redobram para os profissionais da área da saúde. Os protocolos são muito mais rígidos. As fotos retratam as mudanças drásticas adotadas em um consultório odontológico de São Bento do Sul (SC), um dos lugares onde o risco de infecção é bem alto. Os profissionais que trabalham em consultórios e unidades médicas têm muita chance de serem infectados.

Em cidades do interior, o investimento em medidas de segurança faz muita diferença,

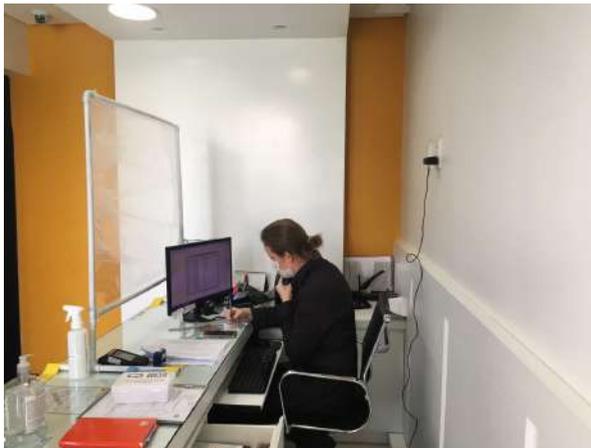
especialmente em unidades de saúde, pois a meta é manter os clientes seguros. De acordo com a dentista muitas pessoas aceitam ir ao consultório porque confiam que os profissionais então tomando todas as medidas necessárias para impedir a contaminação.

Nas fotos, é possível identificar o uso da água oxigenada no escovódromo, tapetes com solução de hipoclorito na entrada, o entregador que fica apenas na parte externa da clínica, revistas infantis esquecidas numa sala, o distan-

ciamento entre os poucos pacientes na sala de espera, já que os horários são controlados para que a clínica não fique lotada. As roupas usadas pelas dentistas vão além do avental e a máscara de pano habituais. Na sala de consulta, instrumentos foram cobertos com panos e a sala é higienizada na troca de cada paciente.

Por Cassiana Luiza Morilha Tozati





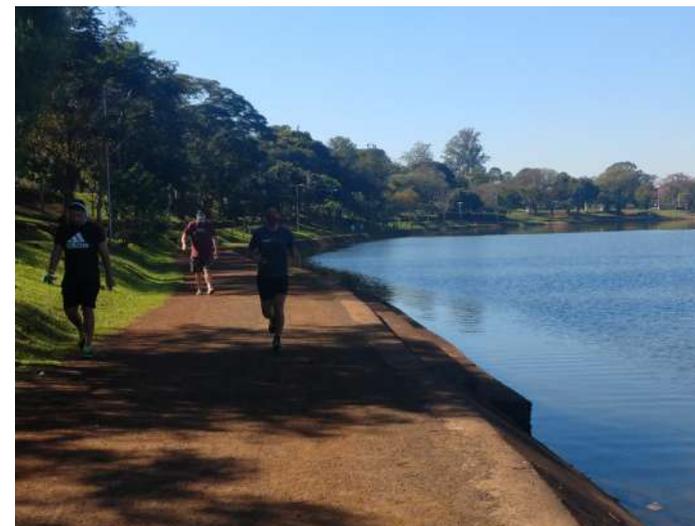
PREFEITURA CHEGA A FECHAR ESPAÇOS PÚBLICOS PARA REDUZIR CONTAMINAÇÃO

Em março, o comércio da cidade de Londrina foi fechado por 15 dias. Por conta da COVID-19, apenas os serviços essenciais puderam funcionar. Após a primeira morte confirmada pelo coronavírus, o prefeito, Marcelo Belinati, decidiu fechar praças, pistas de caminhadas e, também, o Lago Igapó, que é um espaço atrativo para praticar atividades físicas ao ar livre. O Lago, cartão postal da cidade, foi construído em 1959, a partir do represamento do Ribeirão Cambezinho.

Em abril, o comércio foi reaberto com horários reduzidos e a população voltou a circular nos espaços públicos com o uso obrigatório de máscaras. Até então, o município tinha 78 casos confirmados e cinco mortes pela doença.

Em 24 de junho, Londrina tinha confirmados 1.096 casos de coronavírus, com 64 mortes pela doença. Apesar da obrigatoriedade no uso de máscaras na cidade, ainda é possível observar que parte da população não aderiu à medida de proteção, principalmente ao praticar atividades físicas, pois o uso de máscaras dificulta a respiração. A cidade do Norte Pioneiro, por este motivo, é ainda uma das que apresenta maior índice de mortalidade na região Sul do país.

Por Fabiana Manganotti





COMÉRCIO DE IMBITUVA TEVE QUE REDUZIR O ATENDIMENTO

Em Imbituva-PR, o comércio teve que corresponder ao novo decreto municipal, o que ficou mais difícil para os comerciantes, pois muitos reduziram o número de clientes para conseguir higienizar os ambientes. Isto é o caso dos salões de beleza, academias, farmácias, lojas, pape-larias, lotéricas, entre outros. A entrada de pessoas ficou limitada a, no máximo, 3 por vez para não gerar aglomeração.

Os comércios aderiram a avisos e monitoramentos para controlar a entrada de pessoas em seus estabelecimentos, para não colocar a saúde dos funcionários e clientes em risco. Porém, mesmo com os avisos, as pessoas ainda resistem em cumprir a lei que foi decretada, muitas vezes por falta de conhecimento ou por não acreditar que esses cuidados diminuam a contaminação.

Por Janaina Cassol





PANDEMIA: O CENÁRIO É DE RUAS VAZIAS E COMÉRCIO CONTROLADO

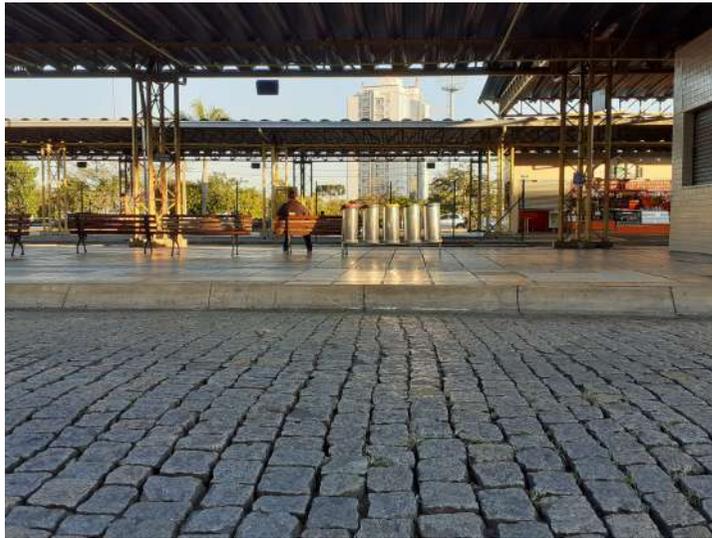
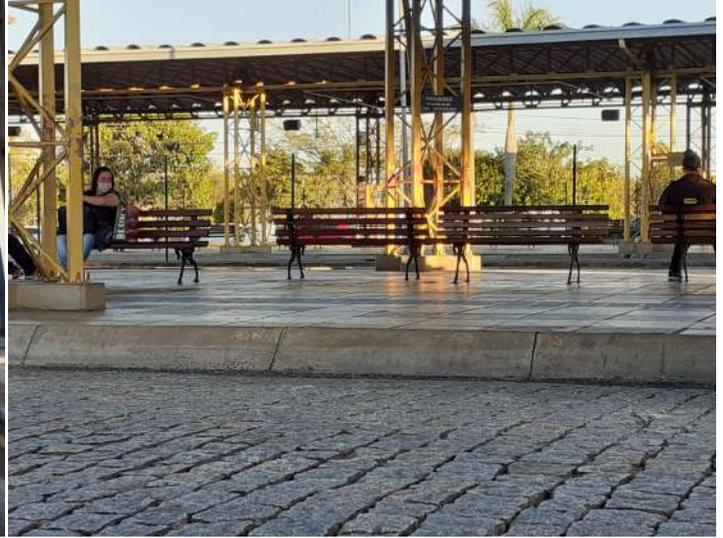
No dia 20 de março de 2020, o decreto de número 17.144 tornou válidas várias medidas para auxiliar no combate à Covid-19, tais como proibição de panfletagem em locais públicos, interditar e multar estabelecimentos que contenham aglomerações com mais de 20 pessoas e suspensão de feiras. Desde então, diversas leis vêm sendo aprovadas para alterar o decreto antigo. Ponta Grossa se encontra em “Situação de Emergência de Saúde”. No dia 24 de junho, o Hospital Regional da cidade atingiu o limite de ocupação das UTIs, o que passou a preocupar muito as autoridades municipais.

Devido às mudanças aprovadas pelos últimos decretos, alguns locais da cidade estão bem vazios em comparação ao Calçadão, onde funcionam várias lojas, supermercados e farmácias. Mas, mesmo nesses locais, a frequência de pessoas diminuiu. Ruas antes tão movimentadas agora registram um fluxo muito menor de carros. Um exemplo é a foto da Visconde de Mauá, tirada próximo ao meio dia, horário em que há muito fluxo de veículos.

Todas as fotos foram tiradas na quarta-feira, 17, e no domingo, 21 de junho. Em algumas, foi usado o zoom da câmera do celular de 13 mps e aplicadas edições nas imagens, feitas no próprio telefone.

Por Jessica Allana Grossi





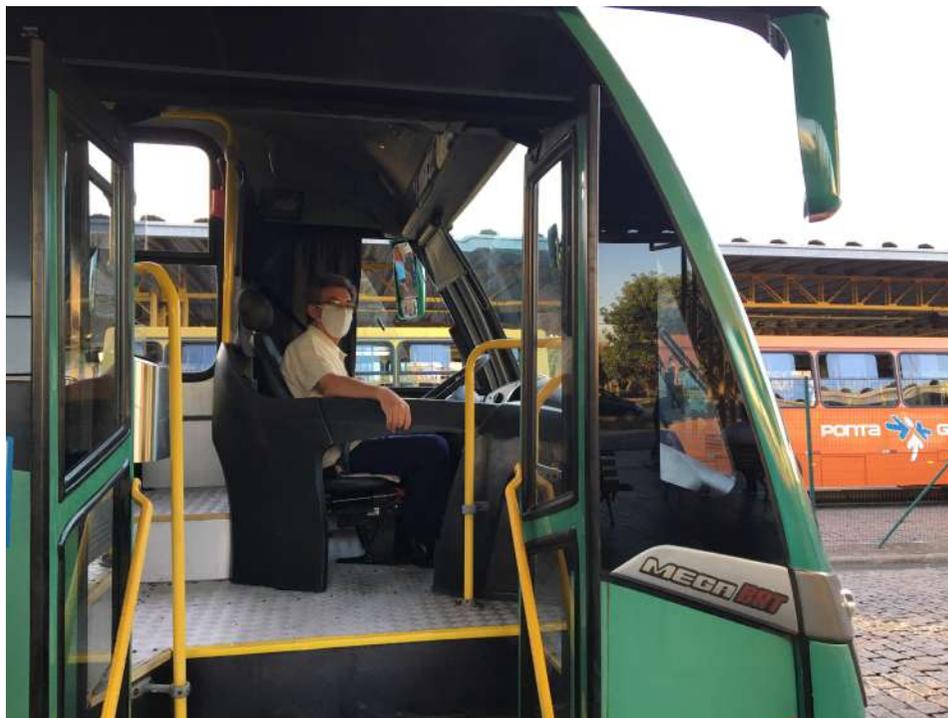
COVID E AS VÍTIMAS DA DOENÇA

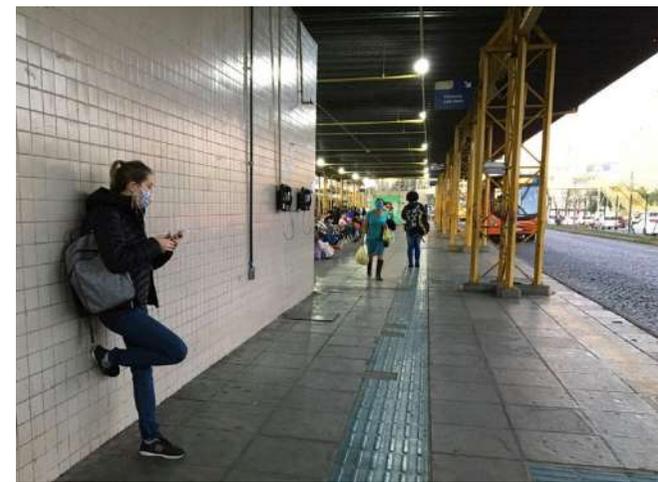
A Covid-19 tem feito vítimas em várias cidades do Paraná. Em Ponta Grossa, os princesinos precisaram se readequar com as mudanças constantes durante a pandemia na cidade. Evitar aglomerações, usar máscaras, álcool em gel e, muitas vezes, luvas. Contudo, em alguns lugares, como no Terminal Central, o medo é que o ambiente, por onde circulam muitas pessoas, possa contribuir para a transmissão do vírus.

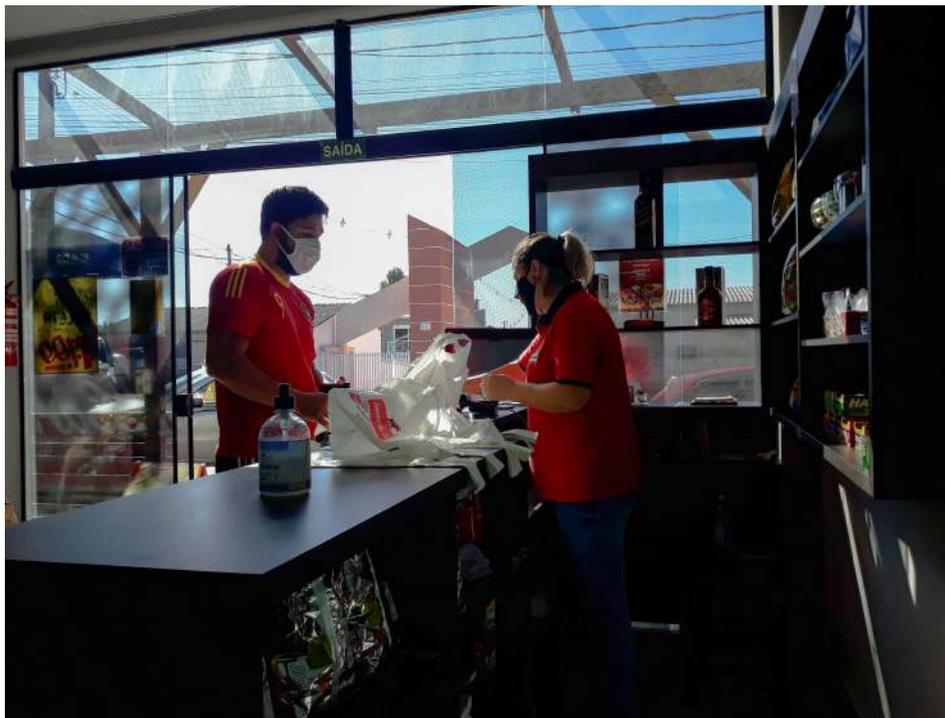
As fotos feitas nessa saída até o Terminal Central, numa sexta-feira, mostraram que passageiros e trabalhadores do terminal têm adotado medidas de proteção. No entanto, ainda foi possível observar aglomerações nas plataformas de espera pelo ônibus e na entrada e saída de passageiros dos veículos.

Para tentar frear a curva de contágio, a Prefeitura de Ponta Grossa decretou que os ônibus deverão circular apenas com passageiros sentados. A medida entrou em vigor em 15 de junho e prevê multa de R\$ 418,95, caso a empresa descumpra o decreto. No terminal central, observei alguns profissionais da Autarquia Municipal de Trânsito e Transporte (AMTT) fiscalizando se a frota estava cumprindo a lei municipal.

Por Kathleen Borges Schenberger







A VENDA DE ALIMENTOS REQUER MUITOS CUIDADOS SANITÁRIOS

O comércio em tempo de pandemia passou a se adaptar a restrições quando se refere à aglomeração de pessoas/clientes. Há dois meses, o açougue “Empório da Carne” vem respeitando as medidas de saúde pública para poder permanecer aberto como as demais atividades comerciais de Ponta Grossa.

Os clientes que frequentarem o comércio devem seguir as medidas de distância mínimas entre pessoas. A sinalização deve estar demarcada no chão dos estabelecimentos comerciais. O local que fotografei também contém frascos de álcool em gel para os clientes passarem, ao entrar no estabelecimento.

Crianças, idosos e grávidas que fazem parte dos grupos de risco com relação à Covid-19 não serão barrados na porta do estabelecimento, mas orientados a não frequentarem lugares públicos como supermercados e açougues. Pessoas sem máscaras de proteção não estão autorizadas a entrar nesses locais, pois estão desrespeitando as medidas de proteção à pandemia.

Por Larissa Hofbauer





A DIFICULDADE EM ADAPTAR-SE

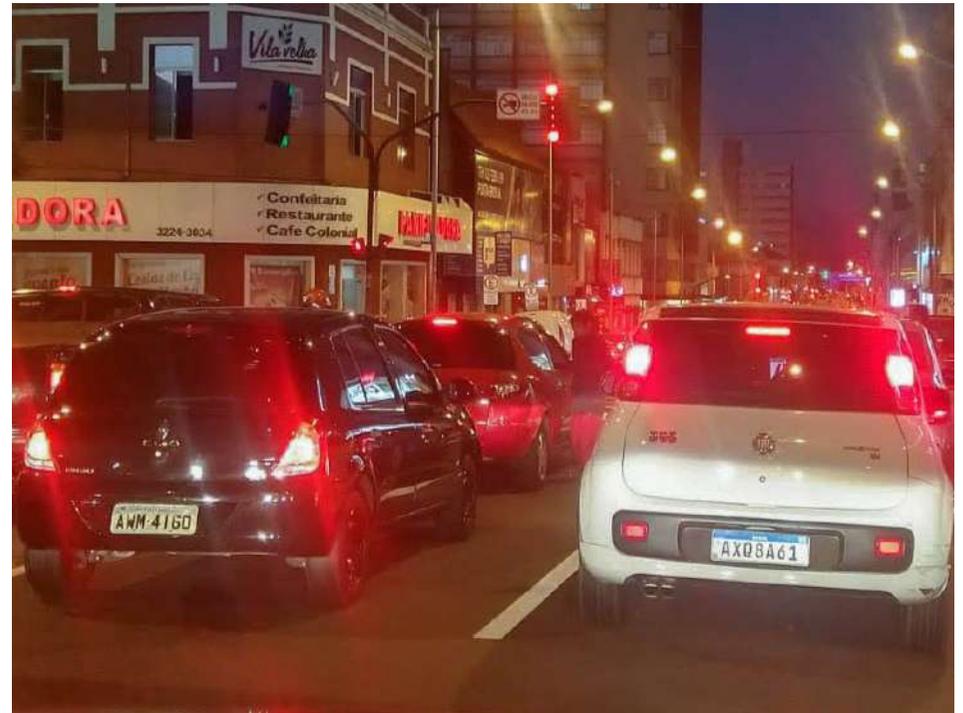
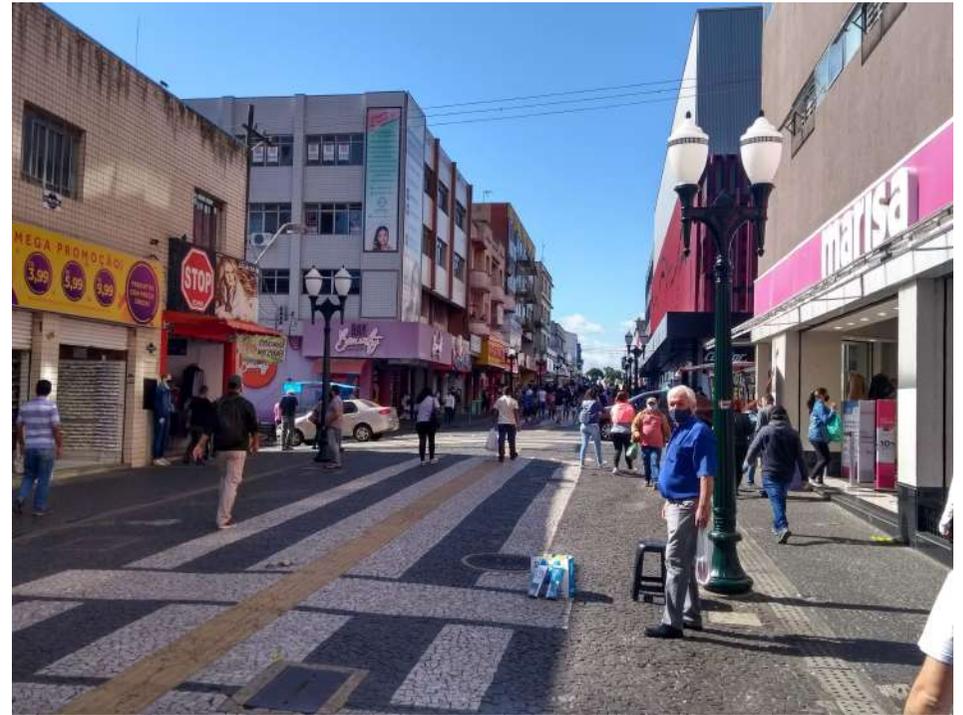
Os ambientes e as ações humanas tiveram que se adaptar à nova experiência que o mundo está passando neste momento da Covid-19. Os lugares abertos como mercados, farmácias e lojas precisaram disponibilizar álcool aos clientes, exigir uso de máscaras e distanciamento entre as pessoas.

Porém, apesar de todas as preocupações das autoridades públicas, em Ponta Grossa, muitas pessoas continuam saindo às ruas para atividades não essenciais, criando aglomerações e desrespeitando as normas municipais. Mesmo usando máscara e tomando as devidas atitudes de proteção, verifica-se que a população não está totalmente preocupada com os riscos da doença.

Nas fotos, apresentadas neste trabalho, quis retratar que, mesmo os ambientes tendo se adaptado para atender à população de forma segura e ordenada, algumas pessoas não sabem manter o equilíbrio e não ficam em casa quando necessário.

Por Maria Catharina Iavorski Edling





MUDANÇAS NAS ROTINAS DOS MAIS DE 300 MIL HABITANTES DE PONTA GROSSA

Com a rápida disseminação do novo coronavírus, as cidades tiveram que tomar algumas medidas extremamente necessárias para evitar a propagação da Covid-19. A Prefeitura de Ponta Grossa, município com aproximadamente 300 mil habitantes, anunciou diversas ações para o enfrentamento do vírus. As ações incluem a aplicação de multas para pessoas que circulam sem máscaras e que organizam festas clandestinas, alterações no horário de funcionamento de comércios, restrição à quantidade de clientes em estabelecimentos e a criação de um canal para denúncias em um aplicativo de mensagens.

O resultado de tais medidas já é visível. Ruas, parques, praças, restaurantes e outros locais que, antes comportavam aglomerações de pessoas, hoje estão praticamente vazios. Nas fotos, é possível observar a pouca movimentação de veículos e pedestres pelos bairros da cidade, o fechamento da Rodoviária, pontos de ônibus completamente vazios, entre outros locais que representam o cumprimento das medidas restritivas.

Por Maria Luiza Pontaldi





ISOLAMENTO SOCIAL E FECHAMENTO DO COMÉRCIO

Com o avanço do coronavírus pelo país, as cidades brasileiras começaram a tomar medidas de isolamento social. A quarentena e o fechamento do comércio foram algumas soluções para conter a contaminação. Ponta Grossa também seguiu as recomendações dos órgãos de saúde.

Após certo período, o comércio pôde ser reaberto e aumentou a circulação de pessoas nas ruas. O número ainda é menor que em tempos de normalidade em alguns pontos da cidade, mas em outros espaços existem muitas pessoas transitando, o que deixa os órgãos públicos em alerta.

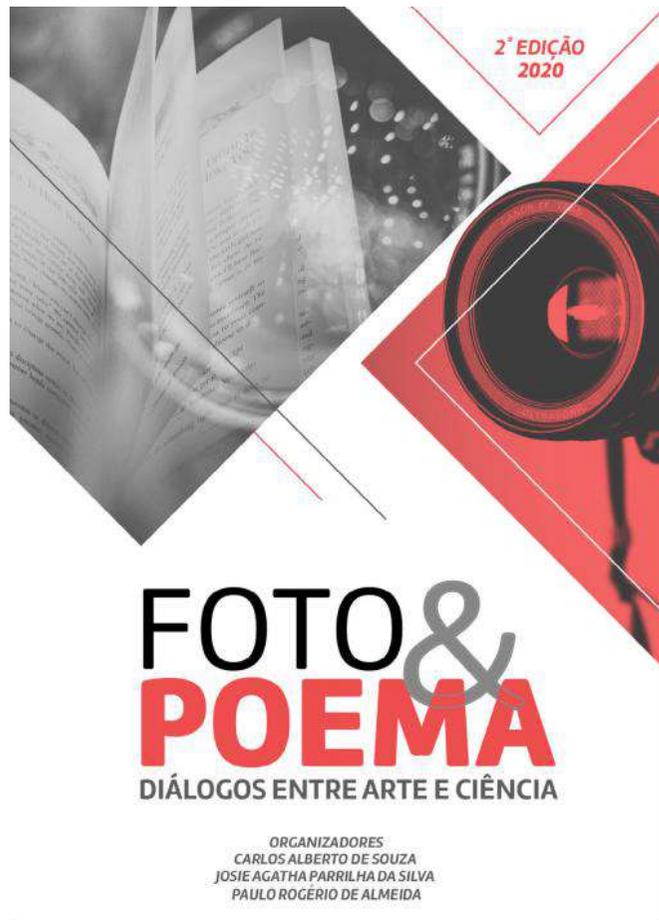
As fotos procuram retratar os reflexos do distanciamento social em diferentes ambientes, que são naturalmente bastante frequentados. Elas mostram o trânsito de automóveis na região central e pessoas nas avenidas, em supermercados e em uma academia.

Por Vinicius Sampaio





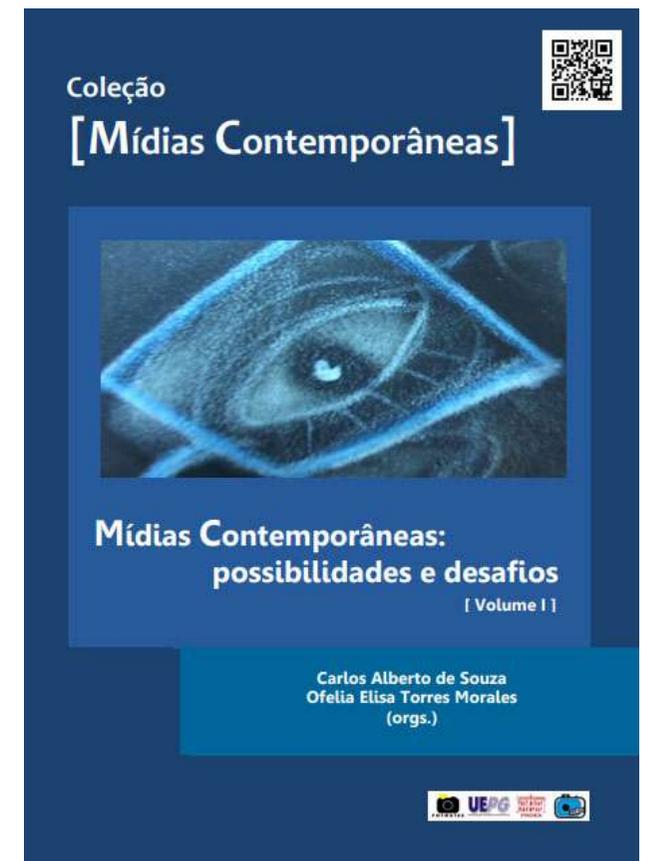
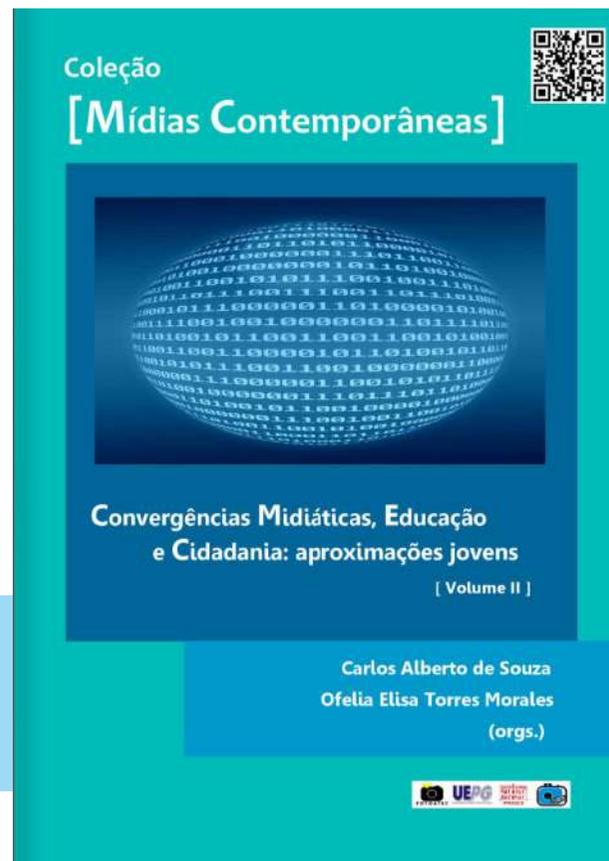
Confira outros e-books do projeto no site <https://www2.uepg.br/proex/ebooks/>

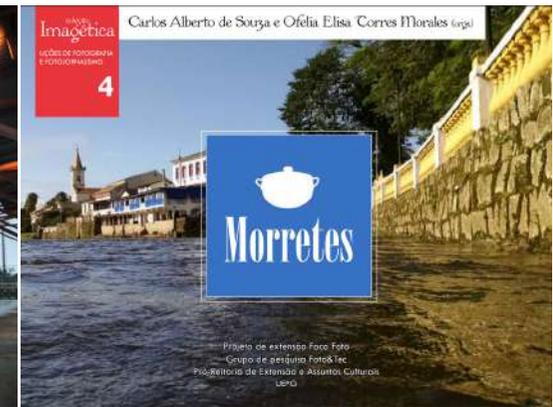
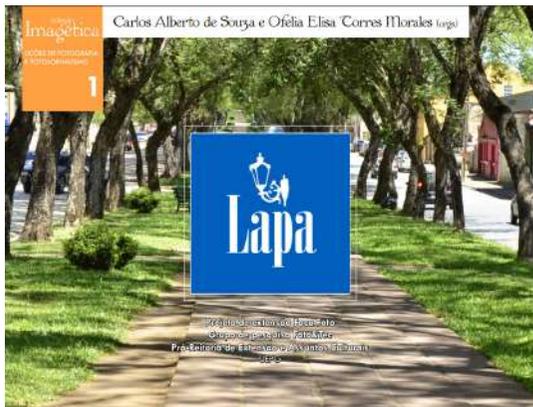


MÍDIAS CONTEMPORÂNEAS



FOTO & POEMA





COLEÇÃO IMAGÉTICA

ANTES & DEPOIS

Organização
Carlos Alberto de Souza, Ingrid Petroski e Tais Maria Ferreira

Produções v.1
FOCA FOTO

Projeto de Extensão Foca Foto UEPG
Grupo de Pesquisa Foto&Tec
Grupo Imagens na Relação Arte e Ciência
Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Culturais
UEPG

PRODUÇÕES DO FOCA FOTO

Carlos Alberto de Souza; Angela de Aguiar Araujo; Paulo Rogério de Almeida e Rafael Kondratsch (orgs.)

Antes & Depois
volume I

Projeto de extensão Foca Foto
Grupo de pesquisa Foto&Tec
Pró-Reitoria de extensão e Assuntos Culturais
Programa INTERARC/ARTES

DEZ ANOS DO FOCA FOTO (FOTORREPORTAGEM UEPG)

Criado em março de 2010, quando o professor Carlos Alberto de Souza ingressou na Universidade Estadual de Ponta Grossa, o projeto de Extensão Fotorreportagem UEPG (Foca Foto) completou 10 anos. A proposta de criação do projeto partiu dele e de um grupo de alunos (as) Alíne Jasper, Josué Texeira, Andressa Kaliberda, Luiza Slavieiro e da técnica multimídia da UEPG, Taís Maria Ferreira. Foram anos de muita produção, reportagens, ensaios fotográficos, viagens, coberturas jornalísticas, pesquisas e produção de livros. Para comemorar a data, o grupo, este ano, está disponibilizando à comunidade mais três obras em formato digital (e-books): Ensaios e Fotorreportagens, Antes&Depois e Foto&Poema (volume 2). Com estas três novas obras, o projeto totaliza 13 livros eletrônicos na área da fotografia, sob os cuidados da Editora Proex/UEPG.

Toda essa produção é resultado de parcerias, empenho dos acadêmicos e muita dedicação. Parabéns a todos os foqueanos que passaram ou que ainda estão vinculados ao projeto. Agradecimentos especiais também aos pesquisadores, empresas e conselheiros que contribuíram com o Foca Foto e com a extensão universitária.

